

O LÉXICO DO SERINGUEIRO ACREANO

Antonieta Buriti de Souza Hosokawa (UFAC)

antonietaburiti@ig.com.br

Antonia Lopes do Nascimento (UFAC)

antonia_mana@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Sendo a língua uma herança cultural milenar visto que a história da língua é a história da cultura (Sperber, 1929, *apud* Iordan, 1962, p. 104), é importante estudar com maior profundidade os vários falares de um país como forma de retratar suas variantes linguísticas regionais, necessidade que já se manifestava em Amadeu Amaral (1920, p. 43), em *O Dialeto Caipira*.

Segundo Schuchardt (*apud* Iordan, 1962, p.95), a língua é sobretudo um meio de comunicação entre os homens, pois é o instrumento do qual eles dispõem para expressar suas ideias, as ideias de sua geração, as ideias da comunidade a que pertence e as ideias de seu tempo (Iordan, 1962, p. 95).

A língua, por ser um sistema dinâmico, é passível de mutações. As palavras que a constituem estão sujeitas a transformações de acordo com os diferentes momentos da história, pois, o léxico²⁸ de uma língua é o lugar das mais amplas variações, já que certas palavras caem em desuso enquanto outras são criadas conforme a necessidade da denominação, isto é, segundo as necessidades sócio-culturais do meio. A língua é um patrimônio de toda uma comunidade linguística e a todos os membros dessa sociedade é facultado o direito de criatividade léxica, pois é o homem que atua em suas transformações e, pela palavra, ele adquire consciência do mundo e de si mesmo.

Assim, foi esse o motivo subjacente a essa proposta de estudar o léxico do seringueiro dos três Vales do Acre (Vale do Acre, do Purus e do Juruá); pois é uma forma de registrar e preservar uma situação histórica, visto que cada geração não apresenta as mesmas

²⁸ Léxico: Sistema de palavras que compõe uma língua. (Carreter, 1973)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

experiências linguísticas, embora conserve a tradição das precedentes, pois o léxico de uma língua é constituído por um conjunto de vocábulos que, conforme já mencionado, representa a herança sócio-cultural de uma comunidade. Em vista disso, ela se constitui em testemunha da própria história dessa comunidade, bem como de todas as normas sociais que a regem.

A LEXICOGRAFIA

É importante ressaltar que na formação da língua precisamos levar em consideração a influência exercida pelo ambiente através da experiência social, deste modo podemos verificar, principalmente no âmbito do léxico, “marcas” regionais, que, devido à grande extensão territorial do país, possuem uma acepção diferente em vários estados brasileiros ou não encontram-se registradas. Esse fato linguístico-cultural abre espaço para a lexicografia, ciência dos dicionários. Essa ciência, no âmbito ocidental, teve grande impulso nos princípios dos tempos modernos e embora tivesse precursores nos glossários latinos medievais²⁹, as obras concernentes não passavam de listas de palavras explicativas para auxiliar o leitor de textos da antiguidade clássica e da Bíblia na sua interpretação. Muitas foram as contribuições dessa ciência para os estudiosos da língua.

Atualmente a Lexicografia tornou-se um campo fértil, pois os dicionários passaram por inúmeras modificações e consequentemente se diversificaram devido aos critérios adotados para sua elaboração, que podem ser: linguísticos, histórico-culturais e práticos (Farias, *apud* Aragão, 2006, p. 26).

LOCAL DA PESQUISA

A formação do Estado do Acre tem uma história singular, bastante diferenciada das demais regiões do Brasil e isso se reflete, evidentemente, na variante da língua portuguesa falada pelos acreanos, tanto no que se refere aos aspectos fonéticos quanto no que se refere aos aspectos do vocabulário.

²⁹ o *Appendix Probi* e *De Língua Latina* de Varrão.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

O Acre, que pertencia à Bolívia até meados de 1903, era uma área recoberta pela floresta equatorial, seringueiras e castanheiras, o que motivou a exploração, conquista e posterior anexação dessa região ao domínio brasileiro, o que fez com que o Brasil se tornasse o primeiro produtor de borracha natural da época. O povoamento dessa região tornou-se particularmente ativo durante a seca prolongada no interior nordestino, de 1877 a 1880, expulsando centenas de nordestinos, principalmente cearenses, que rumavam para os seringais do Acre em busca de trabalho no corte da seringa. Fortes traços linguísticos, oriundos em especial dos cearenses, são ainda visíveis na fala dos acreanos em geral e na fala dos seringueiros em particular.

Atualmente, o Estado, que ocupa uma área de 164.221,36 Km², possui 22 municípios e conta com aproximadamente 655.385 mil habitantes; fluxos migratórios, a partir da década de 60, provenientes de outras regiões do país, notadamente do sul, deram um novo colorido à população local. Fato que influencia notadamente diferenças linguísticas sob os vários aspectos da língua.

O *CORPUS* E OS INFORMANTES

Para desenvolver esta pesquisa, foi utilizado o *corpus* pertencente ao acervo do Atlas Etnolinguístico do Acre (ALAC),³⁰ coletado entre os anos de 1990 a 1998. A rede de pontos está assim distribuída: 3 Áreas de Pesquisa: Vale do Acre, Vale do Purus e Juruá; com 9 Zonas de Pesquisa: Rio Branco, Plácido de Castro, Xapuri; Cruzeiro do Sul, Tarauacá, Feijó, Assis Brasil, Sena Madureira, Manuel Urbano; em cada localidade pesquisada foram entrevistados 3 homens e 2 mulheres, das três faixas etárias: A (16 a 25 anos), B (26 a 35 anos), C (36 a 80 anos).

³⁰ Embora o Atlas Etnolinguístico do Acre (ALAC) não tenha sido finalizado e publicado, os dados coletados se encontram arquivados e têm servido de *corpus* a diversas pesquisas, notadamente no âmbito da Lexicologia.

O GLOSSÁRIO

O glossário, resultado desta pequena pesquisa, visa a, por um lado, contribuir com a descrição da oralidade acreana e, por outro, com a oralidade brasileira. Desta forma, fizemos o levantamento, no *corpus*, das palavras dicionarizadas e das não dicionarizadas, tendo sido elencadas um total de 80 palavras. Entre as primeiras há casos de registro de vocábulos com acepção diferente da acepção regional.

Na apresentação das entradas, procurou-se seguir a ordem alfabética e a microestrutura de cada verbete inclui: a entrada, classe gramatical e a definição da lexia. Quando possível, indica-se a variante, além disso, são apresentadas as abonações com a fala do informante.

Apresentam-se, a seguir, algumas palavras do glossário fruto desta pesquisa³¹; na primeira parte constam as lexias dicionarizadas, mas, como já foi registrado, com acepções diferentes das empregadas nos dados levantados, ou seja, são termos regionais. Na segunda parte, elencam-se as lexias que não foram encontradas em nenhum dos dicionários que serviram de referência para esta pesquisa³².

AMOSTRA DO GLOSSÁRIO

Palavras dicionarizadas

01– **Bandeira** sf. Conjunto de cortes oblíquos aplicados na seringueira para extração do látex.

I³³. ...pois é...vamô supô qu isso é uma seringueira...áf vamo dividi ela em duas *bandê-ra*...traiz essa aqui...pra vim passa cá... (CS108AM).

02– **Jacaré** sm. Denominação dada à seringueira que foi cortada de alto a baixo para a extração do látex.

I. Isso é *espya*³⁴ de pêxe chamado...agora o *jacaré* que nós chama...é quando corta todaya...e que não tem mais onde cortá...vige sai...áf diz é ... (FE093CF)

³¹ Foram selecionadas apenas 11 palavras para este artigo.

³² Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa e Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

³³ A abreviatura I. corresponde ao informante da pesquisa e P. ao pesquisador.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

03– **Marico** sm. Espécie de mochila de pano resistente, geralmente de saco de açúcar; é usada para carregar os utensílios necessários para o corte do látex. Colocado nas costas, tem aberturas laterais, pelas quais se enfiam os braços e duas abas na parte da frente, que são amarradas na altura do peito.

O *Dicionário Houaiss* registra o termo marico: adjetivo e substantivo masculino: relativo a um indivíduo dos maricos, povo da Ligúria, na Itália.

(...) *marico* é uma coisa que a gente faz assim ó...um saquyo assim desse tamayo assim...bota uNas arriata e coloca nas costas(AB141BM).

04 – **Oito** sm. é o caminho, que o seringueiro faz dentro da mata para cortar e colher o látex da seringueira. É semelhante, quanto à forma, ao numeral cardinal *oito*; também pode ser uma volta que o seringueiro dá dentro de uma outra maior.

I.(...) é a manga e tem outro que dá aquele *oito* ...aí sai na estrada de novo...aí continua pra frente. (FE094CM).

05 – **Príncipe** sm. Denominação dada à primeira capa da borracha defumada. Início da defumação.

P. que é o começo da borracha?

I. é o começo da borracha... chama *príncipe* né (AB123AF)

Palavras não dicionarizadas

01-**Buião** sm. Utensílio de barro, assemelha-se a um pequeno vulcão, utilizado para aquecer o látex líquido para transformá-lo em uma pele. Quando a produção de borracha estava no auge, o material utilizado para fazer o buião era o ferro.

P. como fazem pra defumar?

I. a gente faz o fogo no *buião* ô na fornaia... aí bota o lête na bacia e a borracha...o príncipe já ta feito quando a gente bota o lête pra qualhá...aí corta as tiryá...aí enrola...aí a gente enrola no cavado pra podê defuma em cima...pra podê fazê a borracha. (CS103BF).

³⁴ O y representa a iotização do NH.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

02– **Jarico** sm. Saco feito de pano ou palha com alças, utilizadas pelo seringueiro para transportar o leite da seringa.

P. jarico é feito de quê?

I. é... o *jarico* é feito de qualquer coisa né...desses saco de palha...é...de pano. o...de pano...o caba teno condições de comprá um pano faiz de pano e é assim. (TA083BM).

03– **Matêro** sm. Pessoa contratada pelo patrão para abrir caminho nas estradas para o corte. Variação de mateiro.

I.(...) aí tem os matêro própi... é pa móde empicá a seringa... (AB139BM).

04– **Poronga** sf. é um instrumento feito de alumínio, composto de um aro em forma de círculo a ser fixado horizontalmente na cabeça do seringueiro; dispõe de um reservatório para o combustível (querosene) e um pavio. Na parte de trás, tem uma espécie de espelho ou proteção que projeta a luz para a frente. Algo semelhante usam os mineiros no interior das minas. O seringueiro usa para iluminar as estradas quando sai para trabalhar de madrugada. Essa acepção acreana de *poronga* é analógica ao fruto da planta pela semelhança de forma, arredondada e convexa.

I.(...) *poronga* é uma luz que agente usa na cabeça para aluminar o caminho.(FE090CF).

05– **Ríssio** sm. Parte da seringueira que produz mais leite de seringa.

I.(...) em cima é no *ríssio* dá mais leite... subindo (FE090BM).

06– **Tarisca** sf. Lâmina pontiaguda de ferro utilizada para cortar a macaxeira.

P. o que é tarisca?

I. é uma laminazya de ferro...uma lame de ferro que tem os dentizim bem finyo...aí coloca na...eu num sei dize na...eu sei que a bola é colocada lá na...na...nas tauba né...coloca (a gasolina)...do motô...aí puxa...liga o moto aí ceva a macaxeira...encostada naquela...naquela bola...em velocidade...aquela laminazya de ferro...(MU188CM).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como este é um trabalho inicial, não finalizado, ainda não temos um número expressivo de vocábulos, no entanto, aqueles que foram elencados na amostra já servem como demonstradores da cria-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

tividade dos seringueiros. No que se refere às palavras registradas em dicionários, mas com significados diferentes dos empregados por essa população, é bastante frequente o uso da analogia nas denominações: “bandeira”, “jacaré”, “oito”, por exemplo, remetem aos sentidos originais das palavras. Já o vocábulo “príncipe” pode ser vista como uma variante de “princípio”.

No que tange às palavras não dicionarizadas, ainda não foram reunidos elementos necessários para se detectar os agentes motivadores dos nomes. Uma exceção evidente é a palavra “matêro”, usada para designar pessoa contratada pelo patrão para abrir caminho nas estradas para o corte, sendo variação de mateiro.

Contudo, essas são reflexões ainda muito superficiais, carecendo de aprofundamento visto que o objetivo do trabalho era apenas apresentar o glossário. Em relação a este há que se ampliar o *corpus* em busca de uma amostra mais significativa.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; PONTES, Antonio Luciano; FARIAS, Emília Maria Peixoto (Orgs). *Tópicos em lexicologia, lexicografia e terminologia*. Fortaleza: UFC, 2006.

BARBOSA, Maria Aparecida. Estrutura e formação do conceito nas línguas especializadas: tratamento terminológico e lexicográfico. **In:** *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 4, n. 1, UFMG, p. 55-86, 2004.

———. O Ensino de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia no Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo. *Terminometro*. Terminologia no Brasil, Paris, p. 27-29, 1998.

———. Dicionários, Vocabulários, Glossários: Reflexões. **In:** *Revista do CITRAT*, São Paulo, v. 1, p. 23-32, 1996.

———. Contribuição Ao Estudo de Aspectos da Tipologia de Obras Lexicográficas. **In:** *Revista Brasileira de Linguística*. São Paulo, v. 8, p. 15-30, 1995.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

———. O Grupo de Trabalho de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da Anpoll: Formação e Desenvolvimento. In: *Revista da ANPOLL*, v. 1. João Pessoa, p. 53-60, 1995.

———. Estruturas da Obra Lexicográfica: Algumas Questões Semânticas. *Confluência*. Boletim do Departamento de Linguística. Assis: v. 3, p. 148-161, 1995.

BIDERMAN, M.T.C. *Teoria linguística. Linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

COSERIU, Eugênio. *O homem e sua linguagem*. Rio de Janeiro: Presença, 1998.

DARMESTER, A. *La vie des mots étudiés dans leurs significations*. 19^a ed. Paris: Lib. Delagrave, 1937.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3^a ed. totalmente rev. e amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

IORDAN, Iorgu. *Introdução à linguística românica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.

INSTITUTO ANTONIO HOUAISS. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1^a ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.